



INSTITUTO  
DA PSICANÁLISE  
LACANIANA IPLA

**CORPO DE FORMAÇÃO – 3º BIMESTRE DE 2009**

**O AVESSE DA PSICANÁLISE**

**GRUPO 4**

**Tutora:** Leny Magalhães Mrech

**Sombra:** Liége Lise

**Integrantes:** Carla Chaim Moraes, Griseldis Achôa, Jaci Palma Júnior, Lauro Gisto Xavier, Maria

Regina Barros, Marina Soubhia, Michele Ueno.

**São Paulo, outubro de 2009.**

## O Averso da Psicanálise

*Lacan não falava do discurso do mestre como “parceiro”. Ele dizia: é o avesso da psicanálise.*

*(Jacques-Alain Miller, Coisas de Fineza em Psicanálise, Lição I, 2008.)*

Will Hunting é um jovem brilhante: resolve complicadíssimos enunciados matemáticos com uma facilidade de gênio, conhece jurisprudência a ponto de poder dispensar o auxílio de advogados em sua defesa, articula detalhes de história que são capazes de intimidar um suposto aluno notável de Harvard, sabe química orgânica, literatura, artes, etc.

É também órfão e foi criado por um padrasto violento no bairro de Southie, em Boston, de irlandeses católicos e seus descendentes. Brilhante também na arte da delinquência, já tinha sido preso inúmeras vezes por roubo, furto e agressão. E, com a mesma facilidade com que resolvia equações nos intervalos de seu trabalho de faxineiro, metia-se em problemas desnecessários.

Um famoso professor universitário resolve ajudá-lo na prisão e o juiz determina que deverá permanecer sob sua tutela e fazer tratamento psicoterapêutico. O tutor então o encaminha a Sean McGuire que, não sem relutância, assume o caso. Por força de lei, e para não voltar à prisão, Will se submete a essas condições.

O que acontece não se parece com psicanálise. Não há nenhuma espécie de manejo que possa ser chamado minimamente de analítico. E o que veremos é uma sequência

de intervenções de um tipo de psicoterapia que combina muito bem com a maioria dos estereótipos *psi* delineados pelo cinema.

**W: Você pintou?**

**S: Sim. Você pinta? Esculpe?**

**W: Não.**

**S: Gosta de arte? Gosta de música?**

**W: É uma merda.**

**S: Fale sinceramente.**

**W: Mistura linear e impressionista dá uma composição confusa. É uma cópia de Winslow Homer, só que o branquelo rema.**

**S: Monet não era muito bom.**

**W: Não ligo para isso.**

**S: Liga para quê?**

**W: Para as cores.**

**S: O incrível é que preenchi as cores pelos números.**

**W: Sério? Acho cores fascinantes.**

**S: Mesmo? Quem diria?**

**W: Deve estar prestes a decepar sua orelha.**

**S: Mesmo? Devo me mudar para o sul da França e assinar Vincent?**

**W: Conhece o ditado *qualquer porto numa tempestade?*, poderia ser você.**

**S: Como assim?**

**W: Poderia estar no meio de uma enorme tempestade, o céu desabando, ondas quebrando no seu barco, os remos partindo. Você mijá nas calças, procura o porto, faz tudo para escapar. Como se tornar psicólogo.**

**S: Acertou. Agora, deixe-me fazer meu trabalho.**

**W: Ou casou com a mulher errada.**

**S: Cuidado com o que diz. Já chega, amigo.**

O paciente, *jogando verde*, acaba deduzindo que Sean havia tido problemas com a esposa. Ele a havia perdido para o câncer há dois anos e, nesse momento, tem uma atitude brusca e proíbe Will de falar dela novamente. Já de início coloca em cena suas experiências pessoais, buscando uma identificação imaginária entre ele e o paciente.

Jacques-Alain Miller, em *Clínica Sob Transferência (CST)*, comenta que ... *O mais frequente é que a entrada em análise se motive por um abalo na rotina que mantém a realidade cotidiana do sujeito* (Miller, 1984, p. 2). Uma mudança no *status quo* na vida do nosso *good Will* aconteceu quando do encontro dele com o professor universitário e com o terapeuta. Houve até um início de transferência a partir do momento em que

ele é capturado por uma série de significantes de Sean, em especial, o quadro. No entanto, por se tratar de terapia, não verificamos aí um manejo analítico tal qual entendemos na nossa clínica.

A começar pelo fato de que não soube ouvir. Jorge Forbes faz questão de lembrar que Joseph Breuer, quando de seu encontro com a notável Berta Pappenheim, teve a perspicácia de saber calar a boca. Calou, para que ela pudesse falar; calou, para que ela pudesse proceder à sua limpeza de chaminé, à sua *talking cure*. Não é o que acontece aqui. E no segundo encontro...

**S – ...Acha que sei de como sofreu, como se sente, quem você é, porque li “Oliver Twist”? Você se resume a isso? Pessoalmente, estou cagando pra isso, porque tudo que me diz eu poderia ler em livros. A menos que me conte sobre você, quem você é. Isso me fascinaria. Isso sim. Mas não quer fazer isso, não é? Morre de medo do que poderia dizer. Sua vez chefe.**

As longas falas do terapeuta e sua proposta de modelo exemplar indicam que o que está em jogo não é o discurso analítico, do desconhecimento e da curiosidade, mas o do mestre. Partindo de um ponto imaginário de saber pleno, acaba assumindo o lugar de pivô moral, colocando-se como ideal de eu. Não deixa espaço para que o singular do paciente apareça.

Se, conforme Miller em CST, *a demanda deve ser vista como a consequência de uma transferência já entabulada anteriormente...* (Miller, 1984, p. 3), a fala final de Sean, quando ele diz *sua vez chefe*, poderia ter tido um impacto na criação de uma questão do paciente dirigida ao terapeuta, de alguma espécie de demanda, posto que a transferência já estava minimamente estabelecida.

O que não ocorre, pois o terapeuta insiste em propor ao paciente um modelo moral pré-estabelecido a ser seguido. Cria-se, assim, uma *maquininha de identificação*, para usar uma expressão de Forbes. O menino acaba engolindo o circuito de transferência proposto por Sean, o que fica evidente na cena da carta.

**W: “Sean, se o professor ligar sobre o emprego... diga que sinto muito. Tive que ir ver uma garota. Will”.**

**S: Filho da mãe! Roubou minha fala.**

Se, como diz Lacan, o analista é ele mesmo manifestação do inconsciente do sujeito, é preciso operar com isso. Em *Psicanálise e Psiquiatria* Forbes diz o seguinte: *... o analista faz parte do sintoma; a transferência passa por um significante do analista e este, por fazer parte do sintoma, por não estar o analista excluído, ou observador do tratamento, a ele é dado neste período inicial de contato com o paciente, de fazer um cálculo. Um cálculo, portanto, da posição que deverá ocupar no tratamento...* Que tipo

de cálculo foi feito aqui, que posição o terapeuta ocupou nesta situação? Certamente não a de um analista.

*Não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo*

*(Jacques-Alain Miller, Coisas de Fineza em Psicanálise, Lição I, 2008.)*

Na aula inaugural do 3º bimestre de 2009, do Corpo de Formação do IPLA, Forbes diz: *...a transferência é comum a todos os humanos porque existe uma falha no saber. Para tamponar esta falha o analisante institui na pessoa do analista um sujeito suposto saber (S.s.S.), não de qualquer saber, mas de um saber fundamental.*

Para Lacan, o S.s.S. é *o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência* (Lacan, 2003, p. 253). O sujeito então pensa encontrar numa análise uma resposta ao que procura e o que ele encontra, na verdade, é o que lhe falta. E é o que lhe falta que se articula com o que ele vai encontrar, seu desejo.

Isso remete a uma especificidade fundamental da psicanálise, a de que o manejo da transferência é conduzido por uma via ética e não moral, por uma via do discurso analítico e não do mestre. Nos trechos extraídos do filme, o que se percebe é justamente o contrário. E é isso que nomeamos como sendo o Averso da Psicanálise.

Miller, na lição I de *Coisas de Fineza*, além de estabelecer um antagonismo bastante claro entre esses dois discursos, situa-os como incompatíveis e irreconciliáveis ao dizer: *...Não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Não se pode servir ao discurso analítico e ao discurso do mestre ao mesmo tempo* (Miller, 2008, p. 12).

No transcurso de toda essa lição mostra ainda séria preocupação com os rumos da psicanálise, especialmente no que ela vem sendo pautada pela influência de coordenadas terapêuticas. Lembra que Lacan enfatizava que *é impossível terapizar o psiquismo* (Miller, 2008, p. 4).

E parece que se trata mesmo de resgatar algo de fundamental que está se perdendo, pois diz também o seguinte: *...dar primazia à psicanálise aplicada à terapêutica é simplesmente regressar a um aquém de Lacan. Apenas isso já justificaria a expressão empregada por mim, pela primeira vez, de um retorno a Lacan* (Miller, 2008, p. 6).

E, pouco antes: *O cuidado terapêutico leva à retenção da potência liberada pelo próprio procedimento analítico* (Miller, 2008, p. 5). Isto quer dizer que, assim, só se consegue reduzir a virulência potencial da análise, que deve ser radical, que não deve abrir concessões.

Éric Laurent destaca que *...no caso do analista há no seu gesto uma dimensão que remete à vida como tal* (Laurent, 1995, p. 6). Ou seja, para além daquilo que se propõe do lugar do mestre.

Por fim, Forbes, em 1990, posiciona o discurso analítico de modo poético, no texto *Ser Analista*, em que enumera o seguinte em forma de decálogo:

Ser Analista:

1. É valer mais quando não se é que quando se é.
2. É emprestar palavra, corpo e ser para ser feito do que se quiser.
3. É amar incondicionalmente, sem qualquer reciprocidade, na paixão da ignorância.



4. É chegar sem ser avisado, no lugar da surpresa ou da assombração.
5. É passar por esquisito, mal educado, chato, sem poder justificar.
6. É, trabalhando o bem, vir a ter horror do seu ato.
7. É poder ser paciente no lugar do Outro.
8. É não governar, nem educar.
9. É saber o que faz, quando não sabe o que diz.
10. É ter saudade sem reivindicar, quando se chega ao fim.

#### REFERÊNCIAS:

1. FORBES, J. *Psicanálise e Psiquiatria*. Projeto Análise. Palestra proferida no 'X Ciclo de Debates: Psiquiatria e Psicanálise' promovido pelo 'Grupo de Estudos Psiquiátricos do Hospital do Servidor Público Estadual de S. Paulo', em 15 de junho de 1985. Disponível em:  
<http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=23&i=50>
2. \_\_\_\_\_. *Ser Analista*. Projeto Análise. Colóquio realizado no 'Instituto de Estudos Avançados da USP' a partir do tema 'Psicanálise: identidades e diferenças', em 1990. Disponível em:  
<http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=23&i=32>
3. GÊNIO INDOMÁVEL, filme dirigido por Gus Van Sant, 1997.

4. LACAN, J. *Outros Escritos*; [tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
5. \_\_\_\_\_. *Seminário 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
6. LAURENT, E. *As Entradas em Análise, Opção Lacaniana*, nº 12, 1995.
7. MILLER, J.-A. *C.S.T. Clínica sob Transferência*, Os autores se valeram de versão mimeografada em língua portuguesa. Tradução de Glória Kammer. Texto original publicado em *Ornicar?*, nº 29, 1984.
8. \_\_\_\_\_. *Coisas de Fineza em Psicanálise, Lição I*. Documento de trabalho para os seminários de leitura da Escola Brasileira de Psicanálise. Tradução de Vera Avellar Ribeiro, 2008-09.